

## Touch my back and I snore - Strike my back firmly to activate

É sabido que o inglês língua segunda tem suprimido e descaracterizado línguas e culturas através dos tempos, quer em países de imigração, como os EUA, quer nos países do vasto e etnocêntrico império britânico. Encontra-se agora entre nós, impondo-se-nos a cada passo.

O título deste artigo foi retirado, intacto, da aconchegada caixa de uma preguiça de pelúcia, exposta na montra de uma loja chamada *Festyland*, perto da minha casa. Ao redor da preguiça espalhavam-se profusamente jogos, materiais de desenho e escrita, guloseimas, produtos de decoração, higiene e beleza, todos ricamente embalados e devidamente apresentados em inglês americano: *roller balls*, *wizard magic cards*, *The lost Jungle? - a dig & play dinosaur adventure game*, *Marvin's magic pocket tricks* (dos *Marvin's magic presents*), *crazy maze puzzles*, *invitation cards*, *magical color-changing markers*, *a coloring book with stickers*, *a loose leaf in carrying case*, *a pump dispenser bottle set*, *a stick-on jewelry & ring set*, *a wrist watch*, *a mould & paint magical alphabet*, e até mesmo *a bathroom scale*.

Na *Festyland*, os meninos podem comprar prendas - sobretudo mágicas - para honrar datas como *Halloween* ou *Valentine's Day*, muito celebradas nas escolas portuguesas. Fazem-no em inglês, já que nomear e descrever são operações linguísticas básicas(1).

A montra da lojinha *Festyland* suscita-me alguma cogitação. Não vou aqui questionar a torrente caudalosa de empréstimos do inglês que abalroam a língua portuguesa nesta época de globalização. Os empréstimos são um fenómeno vulgar na vida de qualquer língua. Podem ilustrar-se, por exemplo, através do seguinte fragmento de um enunciado do Presidente da República, proferido numa conferência de imprensa para explicar a convocatória a Belém de Marcelo Rebelo de Sousa: *[foi] para fazer a accountability do estado da arte em matéria de liberdade de expressão (?)*. Há neste fragmento um empréstimo lexical muito comum (*accountability*), ainda com a forma que tem em inglês, embora já um tanto foneticamente desmaiada. É certo que, por vezes, os empréstimos turvam o significado dos enunciados, deixando boquiabertos e desnorreados os ouvintes mais vernáculos; não obstante, a língua que realiza os empréstimos lá os vai integrando, com maior ou menor desconchavo. Por isso, por mais desfigurada, trapalhona e indigesta que se nos apresente a nossa língua num determinado momento, temos que pôr o coração ao largo, e dar tempo ao tempo.

Também não vou aqui tentar estabelecer correlações despropositadas entre tanto tráfego linguístico - oriundo também do Brasil - e um notório abastardamento do português em matéria léxico-gramatical; tal abastardamento, diariamente difundido em larga escala, parece consistir, em grande parte, na distribuição aleatória das preposições, na destruição sistemática dos pronomes clíticos e em impiedosas machadadas na flexão verbal, de que são lapidares emblemas *interview* e *estâjamos*. Todavia, tais dislates correspondem a erros conversacionais naturais, resultantes de momentâneas falhas dos mecanismos psico-fisiológicos, agravadas pela comoção de estar no ar, a ser ouvido. Logo, temos que ser tolerantes.

Trata-se aqui, isso sim, de reconhecer o estatuto do inglês enquanto língua segunda em Portugal, estatuto que tem há séculos em territórios como o Uganda, a Samoa Oriental e o Kiribati. Uma língua segunda é aprendida para fins comunicativos, tem uso no comércio - também de bichos de pelúcia - e é marca colonial.

É sabido que o inglês língua segunda tem suprimido e descaracterizado línguas e culturas através dos tempos, quer em países de imigração, como os EUA, quer nos países do vasto e etnocêntrico império britânico. Encontra-se agora entre nós, impondo-se-nos a cada passo. A lojinha *Festyland* integra o cortejo ilusoriamente *modernizador* de mercadores de produtos, de ideias e de práticas sociais que se vêem legitimados pelo próprio uso da língua que impera no mundo. Quem não sabe bem essa língua, com as devidas distâncias da sua própria, corre o risco de ficar a ressonar como a preguiça de pelúcia. Temos por isso que nos manter alerta - para que não nos vendam gato por lebre (ou melhor, preguiça por urso?).

O próximo texto bissexto é da autoria de Paulo Raposo, que se debruçará sobre a definição de *património imaterial?*, recentemente debatida e criada pela UNESCO. Até lá, pois!

(1) Desconfio, ainda assim, que os meninos cujas mães são professoras de Inglês escolhem com maior esclarecimento as suas prendinhas.